



ARTIGO

CURADORIA DE ARTE FEMINISTA E FEMINISMO DECOLONIAL: DIÁLOGOS COM FRANÇOISE VERGÈS E LÉLIA GONZALEZ

FABIANA IOLANDA DO NASCIMENTO
ESPECIAL PARA A REVISTA ARTE & CRÍTICA

RESUMO: A curadoria de arte, historicamente inserida em instituições que reproduzem padrões eurocêntricos e patriarcais, tem sido progressivamente questionada por práticas feministas e decoloniais. Neste contexto, o pensamento de autoras como Françoise Vergès, com seu feminismo civilizatório/decolonial, e Lélia Gonzalez, com o feminismo afro-latino-americano, oferecem fundamentos teóricos essenciais para repensar os modos de fazer, expor e narrar a arte a partir de perspectivas feministas não hegemônicas.

PALAVRAS-CHAVE: curadoria de arte; curadoria de arte feminista; sororidade; feminismo decolonial; artistas visuais.

ABSTRACT: Art curation, historically embedded in institutions that reproduce Eurocentric and patriarchal standards, has been increasingly challenged by feminist and decolonial practices. In this context, the thinking of authors such as Françoise Vergès, with her civilizational/decolonial feminism, and Lélia Gonzalez, with Afro-Latin American feminism, offers essential theoretical foundations for rethinking the ways of making, exhibiting, and narrating art from non-hegemonic feminist perspectives.

KEYWORDS: art curation; feminist art curation; sorority; decolonial feminism; visual artists.



Fig. 1: Série Hierofanias - Aquarela e lápis sobre papel algodão, A3. Imagem: acervo pessoal Karina Beraldo.

CURADORIA COMO ESPAÇO DE DISPUTA

A curadoria não é um gesto neutro. Ao selecionar obras, artistas e narrativas, o/a curador(a) atua como mediador(a) de discursos e valores. Por isso, a curadoria feminista decolonial busca romper com o cânone eurocêntrico e masculinista, questionando quem

tem acesso à produção artística e quais vozes são legitimadas no espaço expositivo. Este movimento se ancora em uma crítica estrutural ao racismo, ao patriarcado e ao colonialismo que sustentam as instituições artísticas em detrimento ao espaço legitimado às mulheres.

O trabalho *Curadoria de Arte Feminista em sororidade decolonial*, além de uma curadoria de arte com artistas mulheres dando-lhes espaço, voz e ouvidos, tenta responder teoricamente por que artistas tão engajadas com questões decoloniais, como pintura de corpos não eleitos como padrão do sistema capitalista ou eurocêntricos, trabalhos sociais em apoio a mulheres ou crianças periféricas e negras, não ocupam ainda locais no panteão artístico das grandes cidades ou mídias televisivas e monetárias.

Karina Beraldo, com suas pinturas de corpos femininos volumosos/ gordos, negros, tatuados, com cabelos e olhos coloridos, tem como principal local de exposição/divulgação de seu trabalho artístico as redes sociais, mesmo a contragosto, mas mantém-se

nas redes como forma de marketing para seu trabalho artístico e geração de encomendas ou convites para trabalhar.

Ju Costa, que criou e mantém seu espaço de criação e acolhimento às

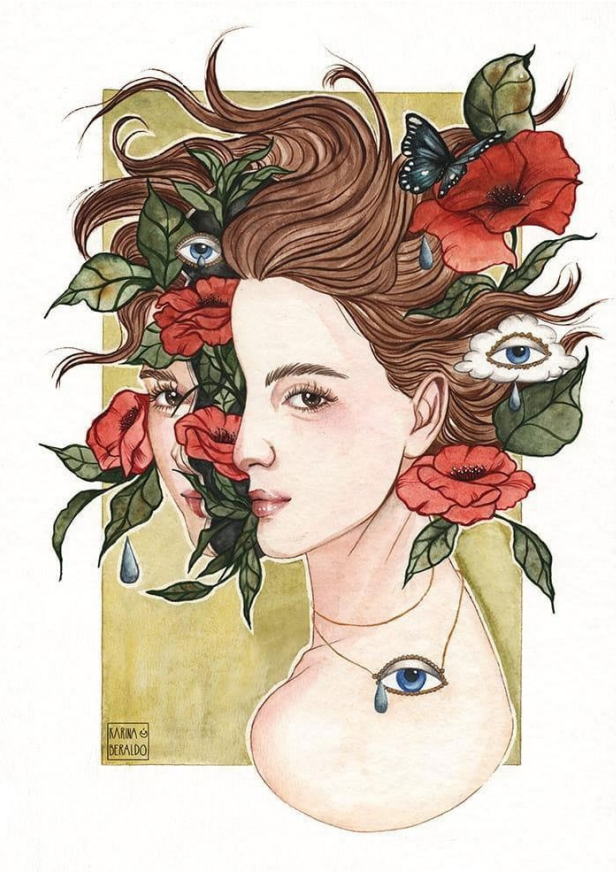


Fig. 2: Série Hierofanias - Aquarela e lápis sobre papel algodão, A3. Imagem: acervo pessoal Karina Beraldo.

mulheres periféricas, M.A.Na.S., Mães Artistas na Sagacidade¹ segue pintando murais de mulheres tanto brancas, quanto negras e indígenas, e segue compartilhando seu tempo lecionando matemática em escolas públicas, pois



Fig. 3: Série Hierofanias - Aquarela e lápis sobre papel algodão, A3. Imagem: acervo pessoal Karina Beraldo.

ainda não conseguiu furar a bolha dos artistas indicados para pintar as paredes das principais cidades do mundo.

Ordalina Cândido, a artista também pintora e decana da nossa curadoria que dedica sua arte ao ensino da pintura às pessoas que se interessam em aprender com ela, pintar por terapia ou *hobby* ou ainda por ofício. A arte de pintar foi apresentada a ela durante o ensino fundamental, e à qual ela se agarrou, pois fazer teatro na escola não era possível, diziam a ela que não havia papéis para negros. Hoje e sempre Ordalina pinta o povo negro, os orixás, as comunidades.

FEMINISMO DECOLONIAL: DESCOLONIZAR É DESPATRIARCALIZAR

Para Françoise Vergès, descolonizar significa dismantelar as estruturas do capitalismo racial e patriarcal que perpetuam desigualdades globais. Em seu trabalho, ela defende um feminismo anticolonialista, antirracista e ecológico, que se distancia do feminismo liberal centrado na inclusão de algumas mulheres nos sistemas

existentes. No campo da arte, isso implica uma curadoria que vá além da representatividade superficial e busque transformar os próprios mecanismos de legitimação artística.

Definir-se feminista consiste no desafio de quem quer revolucionar a prática cotidiana; não é se servir de imagens, discursos e frases de efeito palatáveis ao capitalismo e absorvidos pela publicidade da sociedade de consumo. É preciso combater abertamente o feminismo de feição burguesa, diz Vergès, conhecida por suas críticas radicais (VERGÈS, 2022, p. 3).

Dentre todas as manifestações políticas de feminismos, o feminismo decolonial é o mais abrangente em defesa e sororidade aos trabalhos de Karina, Ju e Ordalina, com pautas que tratam de demandas relativas à liberação sexual e à igualdade no mercado de trabalho, considerando as desigualdades entre as mulheres: as negras desiguais às brancas, as latinas, caribenhas e asiáticas desiguais às europeias. Tais mulheres, intituladas por Vergès como “racializadas”², no mesmo rol das que sustentam a limpeza doméstica e dos

lugares públicos do mundo em prol do conforto de uma elite classe média alta.

O trabalho de Simone de Beauvoir é de vital importância para a construção das bases da teoria política do que é o feminismo e para expor que biologicamente e psicologicamente não há diferença nos corpos de uma menina e de um menino até que exista uma evolução no desenvolvimento dos hormônios no corpo da criança com a chegada da adolescência, e que tais diferenças hormonais não justificam as diferenças culturais suplantadas na criação e educação de um homem e de uma mulher; onde a mulher tem que ser a dona de casa, a mãe, a cuidadora de uma família para que seja considerada feminina. Entretanto, sua obra não contempla as várias diferenças entre os diversos tipos de mulheres já apontadas aqui neste texto, como por e devido à origem, à cor, migração, etc.

É de suma importância o trabalho crítico de Françoise Vergès frente ao trabalho de Simone de Beauvoir, pois Vergès diz que é necessário

atualizar o feminismo que há muito se tornou uma ferramenta de massa de manobra do sistema; instigante essa crítica de uma francesa de fácil leitura para outra francesa também de fácil leitura e compreensão. É providencial o ponto de vista crítico de Françoise Vergès, que nasceu na Ilha de Reunião, hoje território ultramarino da França na África (mas já foi colônia da França), onde Vergès criou suas memórias de infância e, uma delas, a lembrança de uma campanha de esterilização das mulheres de sua ilha natal (racializadas/colonizadas), e que esse controle de natalidade não foi empregado na capital francesa. Assim, como o direito ao voto pelas mulheres, que na França continental foi a partir da década de 40 e nos territórios ultramarinos somente após 1980, etc. Desde então, Vergès se conscientizou da diferença na tratativa entre reunionenses e parisienses.

Não foi chegando à França ou frequentando uma universidade que descobri que capitalismo, racismo, sexismo e imperialismo são companheiros de estrada; tampouco

foi lendo Simone de Beauvoir que reencontrei o feminismo anticolonial e antirracista – ele foi parte de meu entorno desde a primeira infância (VERGÈS, 2022, p. 23).

O feminismo de política decolonial encerra-se em si mesmo não apenas como uma palavra ou conceito de oposição à simples dominação masculinista e sim, existe para afirmar um reconhecimento das lutas das mulheres do Sul global. Uma militância feminista decolonial reconhece os sacrifícios das mulheres racializadas conforme descrito por Françoise Vergès. É a busca pela honra das vidas dessas mulheres em toda a sua complexidade, riscos, hesitações e desmotivações que conheceram (VERGÈS, 2022).

A brasileira, historiadora e filósofa Lélia Gonzalez, nossa representante do feminismo negro, por sua vez, propõe um “feminismo afro-latino-americano”, forjado na experiência das mulheres negras nas Américas. Sua noção de “amefricanidade” resgata as heranças africanas e indígenas na constituição dos sujeitos latino-americanos, denunciando a marginalização das



Fig. 4: O Sertanejo – 2016. Pastel sobre papel laranja, 100x70 cm. Imagem: acervo pessoal da artista Ju Costa.

culturas não brancas. Para a curadoria feminista, isso implica reconhecer os saberes e estéticas negros, indígenas, populares e periféricos como centrais, portanto, o diálogo com a obra de Lélia Gonzalez é altamente produtivo.

Lélia autointitulou-se como *amefrikana* e falante de *pretoguês*, pois transitava

tanto pelo feminismo quanto pelo movimento negro e criticava a ambos, frisando que os feminismos deveriam dar atenção às múltiplas formas de opressão que recaem sobre as mulheres.

A raiz do pensamento de Lélia Gonzalez transitava por:

- **Racismo e sexismo:** Lélia Gonzalez destacava a intersecção entre racismo e sexismo, mostrando como a mulher negra é o foco de uma perversão dupla, resultado da opressão racial e social.

- **Mito da democracia racial:** Ela criticava a ideia de que o Brasil seria um país com democracia racial, afirmando que o racismo e o sexismo são profundamente enraizados na cultura brasileira.

- **Ameaça à Identidade:** Lélia analisava como o racismo e o sexismo criam uma ameaça constante à identidade e à autoestima das mulheres negras ou indígenas, marginalizando-as em diferentes áreas da vida.

- **Luta por autonomia:** Ela defendia a autonomia das mulheres negras, reconhecendo a importância de sua resistência e luta para conquistar seus direitos e espaço na sociedade e valorizava os estudos e análises sobre as contribuições das culturas africanas e indígenas na formação cultural e intelectual do Brasil.

- **Cultura e poder:** Lélia considerava a cultura como um campo de disputa por poder e dominância, em que o racismo e o sexismo são perpetuados por meio de símbolos, valores e crenças.

Com seu pensamento crítico, Lélia enfrentou teóricos do Brasil e colocou em xeque a noção de harmonia social. Sua contribuição para o movimento negro foi de suma importância: foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), e em 1978 contribuiu para a consolidação do movimento negro brasileiro. Lélia também fundou o Nzinga Coletivo de Mulheres.

Muito antes de Françoise Vergès lançar seus livros e pensamentos manifestos, Lélia Gonzalez já



Fig. 5: Kayapo Xikrin – 2017. Acrílico sobre tela, 70x40 cm. Imagem: acervo pessoal da artista Ju Costa.



Fig. 6: Rainha Africana - Acrílico sobre tela, 70x90. Imagem: acervo pessoal da artista Ordalina Cândido.

havia feito suas denúncias formais às múltiplas opressões que as mulheres negras sofreram e ainda sofrem. O movimento de mulheres negras ao qual Lélia Gonzalez pertenceu defendeu uma sociedade mais justa e igualitária, na qual não existam discriminações de gênero, raça ou classe, ou seja, Lélia já falava de interseccionalidades também e muito antes da norte-

americana Kimberlé Williams Crenshaw. Lélia foi pioneira e de vanguarda em conceitos; Angela Davis reconheceu isto e tinha Lélia como referência.

Lélia cunhou o termo “amefricanidade” para se referir aos americanos de origem africana.

O feminismo negro é uma forma de feminismo decolonial, pois é uma militância que denuncia toda forma de violência executada durante a escravidão negra e suas consequências, resquícios e rescaldos na sociedade contemporânea.

Conforme Rodrigues e Freitas (2021):

Em 1975, quando as feministas se reuniram na Associação de Imprensa para o Congresso de Mulheres Brasileiras, solenidade pelo Ano Internacional da Mulher, Lélia Gonzalez e suas companheiras ali compareceram para apresentar um documento no qual caracterizavam a situação de opressão e exploração da mulher negra. O *Manifesto das Mulheres Negras* foi o primeiro de uma série de posicionamentos formais de feministas negras contra o que denominavam de “feminismo branco hegemônico”.



Fig. 7: Favela. Óleo sobre tela, 1,0x90. Imagem: acervo pessoal da artista Ordalina Cândido.

CURADORIA COMO PRÁTICA DECOLONIAL

Sob a ótica dessas autoras, uma curadoria feminista decolonial se compromete com:

REESCRITA DE NARRATIVAS: Confrontar a historiografia da arte, que muitas vezes apaga a contribuição de mulheres racializadas, e propor novas narrativas centradas em epistemologias do Sul.

DESCENTRALIZAÇÃO EPISTÊMICA: Valorizar linguagens e estéticas que não se enquadram nos moldes europeus de arte “legítima”. Isso inclui artefatos,

performances, rituais e outras formas de expressão ligadas a culturas afro-diaspóricas e indígenas.

COLETIVIDADE E CUIDADO: Romper com a figura do/a curador/a como autoridade única e abraçar práticas colaborativas, onde as/os artistas, comunidades e espectadorxs participam do processo de curadoria. O cuidado enquanto prática política e estética é central nesse modelo.

AFETAÇÃO POLÍTICA: A curadoria feminista decolonial não se limita à estética. Ela visa provocar afetos, reflexões e mobilizações sociais, articulando o espaço expositivo como espaço político.

Criamos a curadoria “Curar o Feminino” para curar o feminino de verdade e dar lugar às mulheres cujas obras estão resvaladas com a situação política do mundo, mas resguardadas pelos discursos e pensamentos de Lélia e Françoise.

Abaixo texto curatorial sobre as obras selecionadas para a exposição de Ju, Karina e Ordalina.

POTÊNCIA CURATIVA DE FORA PARA DENTRO DAS MULHERES ALÉM-GALERIAS MULHERES CURADAS EM UMA REALIDADE DISTÓPICA DO SÉCULO, O DITO, XXI.

O dia a dia é permeado por aplicativos que são baixados e instalados facilmente e que substituem o papel de um atendente bancário, do convênio médico, do bilheteiro para compra de ingressos; outro que dispensa o conhecimento e o desbravar de caminhos em meio ao trânsito para se chegar à casa ou ao trabalho nas grandes cidades.

Por outro lado, se convive concomitantemente com a ferramenta intitulada por inteligência artificial através da qual, além dos aplicativos, é possível até conversar com seu bicho de estimação ou aplicar num jogo de aprendizagem para um filho. E ainda temos os comentários em voga: é o artista que fez ou a IA?

E entre o avançar dos séculos, o apocalipse diário vigente e a tecnologia disponível estão as mulheres e suas diversas facetas de representatividade ou a falta dela em montantes equitativos ou igualitários aos homens.

Esta exposição de arte/imagens é uma abertura no céu distópico de uma realidade onde as artistas mulheres, com ou sem filhos nos braços, serão expostas ecoando em voz alta: eu existo! E, ao invés de um exercício materno ou de ama de casa, tais mulheres estão com suas latas de tintas, brochas, andaimes, fundos de guarda-roupas; skates usados, pedaços de um barraco desmontado e furado a bala num tiroteio sendo reaproveitados; papéis e telas embaixo dos braços e mãos, mesmo que numa imensa fila

da vida embaixo de um sol escaldante e atrás de todos os homens do planeta.

Permeiar essa parede à frente é sinônimo de pintá-la e transformá-la em sentimento, humanidade, poesia, sonhos, histórias e no feminino. É deixar o onírico fluir e se tornar realidade. É o nascer através de uma pintura de representatividade de mulheres como deusas, expressão indígena, coloração negra, sacra e real.

Assim são Ju Costa, Karina Beraldo e Ordalina Cândido, que ao pintar uma parede desmembraram o mundo em fatias de telas, tecidos, cooperação, harmonias, amor e *sororidades*.

Mulheres que se fizeram CURAR em escala! Artistas que priorizam a mulher a partir de sua própria história, sua realidade e que, ainda através de sua obra-prima, abrem sua própria casa às outras e criam um grande círculo de apoio. Artistas que retratam as realidades apenas como elas são, sem ambíguos e relativos julgamentos ou não aceitação do outro.

A trajetória dessas mulheres curadas foi extrapolada de suas telas pequenas pintadas em detalhes a pincezinhos e mãos delicadas a muros enormes alcançados por andaimes que suplantam a fila muralha de homens e, com um bastão e braços bem esticados, escrevem como que por escrever: MU-LHE-RES E-XIS-TEM, nós fazemos arte também!

Pintar paredes é pintar um museu a céu aberto numa cidade, numa escola, num bairro periférico e retratar o que há de mais decolonial no país: a representatividade

das mulheres, dos negros, dos indígenas. É retratar as favelas!

A pintura de uma mulher representa o que há de mais intrínseco nela culturalmente, a maternidade, o *status quo* profissional das mulheres, sejam elas negras, brancas, indígenas. Por trás da pintura de uma favela há a questão de como é viver nessa favela, do que é feita uma casa na favela e até como é reconstruir uma casa se ela tiver sido incendiada.

Uma mulher pintora simboliza ainda uma quebra de paradigma do que é a feminilidade cultural perpetrada entre as meninas, que até pouco tempo nem podiam frequentar uma escola de belas artes e sim se preparar para um matrimônio heteronormativo, sabendo muito bem cuidar de uma casa, cozinhar, polir e parir.

As artistas desta curadoria foram selecionadas como se fossem personagens de uma *película de Almodóvar*: reais, verdadeiras, humanas, fortes, criativas, trabalhadoras, sonhadoras, pagãs, absurdas aos olhos de muitos, acres! Mas as cores das mulheres que CURAM são cênicas! Bem-vindo ao panteão deste museu sem objetos a céu aberto que CURA! *Que desfruteis* da arte que ecoa e reverbera além de molduras ou *homini parede!*

NOTAS

1 2 “Um espaço de arte, cultura e meio ambiente. Articulado pela rede M.A.Na.S e aberto para demais grupos e artistas da quebrada para somar! Rua B B Varela, 229-Itaquera, São Paulo, Brazil 08240170” (BIO da página do Instagram @labcasa_cultural).

2 3 o termo “racialização”, aqui, não pode ser reduzido às pessoas negras, tal como ocorre nas Américas e no Brasil em particular. Ou seja, ao se referir às mulheres racializadas, Vergès também considera aquelas vistas e entendidas como não brancas e não ocidentais, que vivem na Europa e nos Estados Unidos, na condição de imigrantes ou refugiadas. O mesmo termo é válido para mulheres que, embora possuam cidadania francesa no papel, não escapam aos processos de racialização devido a marcas sociais como cor, costumes, religião, língua ou outro distintivo que as impeça de adentrar a seleta e exclusiva sociedade ocidental.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano - Ensaios, intervenções e diálogos*. São Paulo: Zahar, 2021.

NASCIMENTO. Fabiana I. *Curadoria de Arte Feminista Contemporânea em sororidade decolonial*. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/98141810-8a0c-43d3-9814-d6ed9aa3be03>. Acesso em: 04/05/2025.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. “Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 34, p. e238917, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/NFdhTdVVLSRPHzdDzVpBYMq/#>. Acesso em: 04/05/2025.

VERGÈS. Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FABIANA IOLANDA DO NASCIMENTO

Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: fabiana.nascimento@gmail.com.